

DEBATE ADITIVADO

Possível venda da Refap desperta polêmica

Proposta recebe elogios no meio empresarial e críticas na esfera sindical

19/04/2018 - 19h26min



Refinaria gaúcha opera desde 1968
Divulgação / Agência Petrobras

A intenção da Petrobras de **vender 60% da Refinaria Alberto Pasqualini (Refap)**, em Canoas, mal foi anunciada e já desperta polêmica. Informada nesta quinta-feira (19), a proposta divide opiniões. Enquanto recebe críticas no meio sindical, é vista por lideranças empresariais como possibilidade de atração de maiores investimentos ao complexo da Região Metropolitana.

Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), [Gilberto Porcello Petry](#) declara que o projeto está em linha com a recente política da companhia para reduzir sua dívida. O dirigente acrescenta que, se um possível sócio privado desembarcar na Refap, a refinaria poderá elevar sua capacidade de operação.

LEIA MAIS

Petrobras vai vender controle da Refap, refinaria de Canoas



Modelo de venda prevê empresa formada por Refap e Repar, do Paraná



"Vai se materializar em meados de 2019", diz responsável da Petrobras sobre venda da Refap

– Ao assumir a presidência da Petrobras, [Pedro Parente](#) teve a missão de aumentar a geração de caixa e reduzir a dívida. O projeto da Refap faz parte disso. Se um sócio privado conseguir fazer investimentos, a refinaria poderá aumentar sua capacidade, o que será positivo – frisa Petry.

Por sua vez, o Sindicato dos Petroleiros do Rio Grande do Sul (Sindipetro-RS) demonstra temor ao analisar a proposta. Presidente da entidade, Fernando Maia da Costa afirma que a eventual parceria com o setor privado poderá resultar em aumento no [preço dos combustíveis](#) e risco à

manutenção de empregos. Costa menciona que o Sindipetro-RS organizará manifestações contra o projeto, mas ainda não confirma nenhuma ação específica.

– Uma empresa privada não virá para investir no país. Ao entrar em refinarias, terá o objetivo de se apoderar de campos de petróleo – critica.

Além da Refap, a Petrobras também deseja repassar à iniciativa privada o controle de outras três operações: da paranaense Presidente Getúlio Vargas (Repar), da pernambucana Abreu e Lima e da baiana Landulpho Alves. Em cada uma das refinarias, os parceiros privados teriam 60% de participação, e a estatal, 40%.

– Ainda é muito cedo para apontar possíveis benefícios ou prejuízos dessa proposta. Temos apenas uma conversa inicial. A Petrobras está começando a pensar no que fará com o segmento de refino – pondera o analista André Henrique Trein, da Fundamenta Investimentos.

A Alberto Pasqualini iniciou suas operações em 1968. Se confirmada, a participação de um sócio privado não será novidade. No começo dos anos 2000, a Repsol adquiriu 30% da refinaria gaúcha, em uma troca de ativos com a Petrobras. Mais tarde, em 2010, a estatal recomprou a participação da empresa espanhola por US\$ 850 milhões, em valores da época.

– A vinda de um sócio privado não deverá ter grandes impactos para o mercado. Para atender ao Rio Grande do Sul, a Refap já é autossuficiente. Acredito que não haverá nenhum impacto em fornecimento ou preço de combustíveis – observa o economista Edson Silva, diretor da consultoria ES Petro.